UNIVERSIDADE SANTO AMARO

Curso de Psicologia

Myrela Fernanda Santos da Silva

PSICOLOGIA FEMINISTA E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

São Paulo

2019

Myrela Fernanda Santos da Silva

PSICOLOGIA FEMINISTA E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profª. Drª. Silvia Helena Modenesi Pucci.

São Paulo

2019

S581p Silva, Myrela Fernanda Santos da
Psicologia feminista e violência doméstica: uma revisão integrativa / Myrela Fernanda Santos da Silva. – São Paulo, 2019.

32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Santo Amaro, 2019.

Orientador(a): Profª. Dra. Silvia Helena Modenesi Pucci

1. Psicologia feminista. 2. Violência. 3. Violência contra a mulher. I. Pucci, Silvia Helena Modenesi, orient. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

Elaborado por Ricardo Pereira de Souza – CRB 8 / 9485

Myrela Fernanda Santos da Silva

PSICOLOGIA FEMINISTA E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Profª. Silvia Helena Modenesi Pucci.

São Paulo, de novembro de 2019.

Banca Examinadora

_____
Profª. Drª. Silvia Helena Modenesi Pucci

_____
Prof.

_____
Prof.

Conceito Final: _____

Dedico este trabalho à todas as mulheres. Às que ainda não conhecem o termo violência, às que conhecem desde cedo, às que estão sofrendo com quem deveria amá-las, às que se tornaram crentes de si, às que ainda não tiveram essa consciência, às que foram ouvidas, ajudadas e acreditadas, mas principalmente às que foram ignoradas e silenciadas, às que não sobreviveram, às que transcenderam, às que vão ter acesso a este estudo e às que não vão ter.

“Triste louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que o homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Que o homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa

Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
E o homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só”
Francisco, El Hombre

AGRADECIMENTOS

À minha família Fernando, Marli, Eredilton, Leonardo e Mylena por todo encorajamento, oportunidade, preocupação e valores que me passaram. Vou levar comigo todas as lições que me ensinaram e prometo ser a melhor pessoa e profissional que posso ser.

Aos meus amigos Victoria, Lucas, Maurício, Paloma e Stephanye, que me acompanham desde antes da graduação e me ampararam durante a mesma. Eu amo vocês!

Aos meus companheiros do curso de Psicologia Elisabeth, Ester, Ivani, Kelvin, Mariana e Silvana que se tornaram também grandes amigos e possibilitaram a troca de muitas experiências, principalmente os momentos de descontração. Vocês são maravilhosos e espero levá-los comigo pelo resto da vida.

À Maria Imaculada por ter me ensinado tanto e ter me orientado no primeiro semestre do ano de 2019 com tanto esmero.

À Silvia Pucci por ter aceitado me orientar no segundo semestre, também com tanta dedicação e carinho.

Ao meu Psicólogo Bruno por ter me ajudado a segurar as pontas neste último ano, que mobilizou tantas emoções e por ter me mostrado uma Myrela mais leve, livre e resiliente.

E aos meus professores, os quais me agregaram imensamente durante todos esses 5 felizes e iluminados anos.

À todos, com todo o amor que sinto no peito, sou grata!

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a produção científica sobre a efetividade da Psicologia Feminista como tratamento para os traumas gerados pela Violência Contra a Mulher. A Violência Contra a Mulher é um problema de saúde pública e uma violação aos direitos humanos, causado e legitimado pela cultura patriarcal e geralmente cometido pelo parceiro íntimo, em ambiente doméstico. É responsável pelo desenvolvimento de transtornos mentais, como depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, experiências dissociativas e suicídio das vítimas. A Psicologia Feminista, preocupada com a mudança social, é uma área de estudos de gênero e uma forma de tratamento que torna o espaço terapêutico politizado e que assim, foca em proporcionar a emancipação feminina por meio da informação e de estratégias de resistência à violência sofrida; amplia o olhar interseccional para as demais opressões e busca a igualdade entre os sexos. Trata-se de uma revisão integrativa de textos completos, em português e em inglês, com recorte temporal dos últimos quinze anos, recuperados no Google Acadêmico, SciELO, Busca Integrada da USP, BVS-Psi e LILACS. Utilizou-se os descritores: Psicologia Feminista, Violência e Violência contra a Mulher. Os trabalhos revisados explicitam o impacto positivo do acolhimento contextualizado, da escuta diferenciada de gênero, da reflexão sobre o abuso e da fala engajada. Estes fatores proporcionam à mulher uma tomada de consciência, a qual a tira do papel de vítima e permite que a mesma ressignifique as experiências traumáticas. Por fim, a Psicologia Feminista se mostra efetiva, porém se faz necessário produção de mais estudos sobre.

Palavras-chave: Psicologia Feminista. Violência. Violência Contra a Mulher.

ABSTRACT

The study's objective is to analyze the scientific production on the effectiveness of Feminist Psychology as a treatment for the trauma generated by Violence Against Women. Violence Against Women is a public health problem and a violation of human rights, caused and legitimized by patriarchal culture, usually committed by the intimate partner at home environment. It is responsible for the development of mental disorders such as depression, anxiety, posttraumatic stress, dissociative experiences and victims of suicide. Feminist Psychology, concerned with social change, is an area of gender studies and a form of treatment that makes the therapeutic space politicized and thus focuses on providing female emancipation through information and strategies to resist the violence suffered. It broadens the intersectional gaze to other oppressions and seeks equality between the sexes. This is an integrative review of full texts, in Portuguese and English, with a time frame of the last fifteen years, retrieved from Google Scholar, SciELO, USP Integrated Search, BVS-Psi and LILACS. We used the following descriptors: Feminist Psychology, Violence and Violence against Women. The reviewed papers explain the positive impact of contextualized reception, gender differentiated listening, reflection on abuse and engaged speech. These factors give women a sense of awareness that removes them from the role of victim and allows them to redefine traumatic experiences. Finally, Feminist Psychology proves to be effective, but further studies are needed.

Keywords: Feminist Psychology. Violence. Violence against woman.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

1.1 Violência Contra a Mulher 11

1.2 Dados Referentes à Violência Contra a Mulher 12

1.3 Traumas gerados pela Violência Contra a Mulher 13

1.4 Psicologia Feminista 15

1.5 Desafios enfrentados pela Psicologia Feminista 16

2 OBJETIVO E HIPÓTESE 18

2.1 Objetivo geral 18

2.2 Objetivos específicos 18

2.3 Hipótese 18

3 METODOLOGIA 19

3.1 Tipo de estudo 19

3.2 Fontes e coleta de dados 19

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO 22

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 24

REFERÊNCIAS 29

1 INTRODUÇÃO

A Violência Contra a Mulher (VCM), também chamada de Violência Doméstica (VD), ou Violência de Gênero (VG), tem sido altamente evidenciada nos dias atuais. O número de casos com este tipo de violência parece não parar de crescer. Desta forma, leis e delegacias destinadas à proteção das vítimas deste tipo de violência foram criadas, porém têm se mostrado ineficientes. Muitas vítimas, mesmo amparadas pela lei acabam por serem assassinadas, majoritariamente por seus cônjuges, e em suas próprias casas. Tendo como causa o fato de serem do gênero feminino em uma sociedade estruturada em uma cultura patriarcal, que legitima a dominação masculina. Também, estas mulheres, aparentemente, não recebem um tratamento psicológico adequado para os traumas provocados pelos vários tipos de violências existentes, dentro da VCM, que é a problemática que será discutida no presente trabalho.

Este estudo utilizará o termo Violência Contra A Mulher (VCM) para se referir à questão. E, mais precisamente, serão analisadas pesquisas, por meio de uma revisão integrativa, voltadas a efetividade da aplicação da Psicologia Feminista como recurso terapêutico para mulheres vítimas de VCM. A revisão buscará resposta à pergunta: “A aplicação da Psicologia Feminista é efetiva para o tratamento dos traumas gerados pela Violência Contra a Mulher?”. Inicialmente, torna-se necessária a definição do termo que guiará este trabalho.

1.1 Violência Contra a Mulher

A Violência Contra a Mulher é assim definida quando a vítima, por ser do gênero feminino, sofre agressão física, abuso sexual, violência psicológica e privação de liberdade que, em sua maioria, são cometidos por seus companheiros, ou ex companheiros, em ambiente doméstico, podendo o ato violento também ser encontrado em lugares públicos e, até mesmo, ocasionar a morte, que é chamada de feminicídio (SILVA; OLIVEIRA, 2015).

Pode-se entender como a causa da VCM a estruturação da sociedade em um sistema patriarcal e em valores machistas, que naturalizaram a relação de poder e dominação do homem sobre o corpo e as escolhas da mulher, que se localiza em um

lugar de submissão. Tais fatores permitem a desigualdade de direitos e o desenvolvimento de estereótipos culturais e familiares que legitimam a violência em ambiente doméstico e a continuidade da mesma (ACOSTA *et al*, 2015; GUIMARÃES; PEDROZA, 2015; TELES; MELO, 2017).

Trata-se de entender que a sociedade atual está tão acostumada com a violência dentro do ambiente familiar, por passar de geração para geração, tanto por homens como por mulheres, que se criou uma tolerância a situações do tipo, o que colabora para que os casos de VCM aumentem desordenadamente (GUIMARÃES; PEDROZA, 2015; TELES; MELO, 2017).

A VCM deve ser entendida como uma violação aos direitos humanos, assim como um problema de saúde pública, o qual não recebe tanta visibilidade por não ser encarado dessa forma e pela sociedade ter a tradição de legitimar e banalizar esse tipo de violência, além de omiti-la (ACOSTA *et al*, 2015; GUIMARÃES; PEDROZA, 2015; GARCIA *et al*, 2016; CORREIA *et al*, 2018).

Existem cinco tipos de violência dentro da VCM, sendo estas a física, a sexual, a psicológica, a moral e a patrimonial, podendo ocorrer simultaneamente (TELES; MELO, 2017). Os números de registros desse tipo de violência não param de crescer, como será visto a seguir.

1.2 Dados Referentes à Violência Contra a Mulher

A pesquisa “Violência doméstica e familiar contra a mulher”, realizada pelo Instituto Data Senado, do Senado Federal, em 2017, traz dados referentes ao aumento de Violência Contra a Mulher em uma comparação do ano de 2015 para o ano de 2017. De acordo com as entrevistas feitas, de 18% subiu para 29%. Além disso, o percentual de pessoas que conhecem outras que foram vítimas deste tipo de violência também aumentou, a mudança sendo de 56% para 71% (SENADO FEDERAL, 2017).

Segundo Guimarães e Pedroza (2015), em uma pesquisa voltada a mulher brasileira nos espaços públicos e privado, feita em 2001, 43% são os casos de VCM, sendo que 35% foram cometidos pelos parceiros íntimos, tanto atuais como ex. Traz

também que 68,8% dos homicídios ocorreram em ambiente doméstico. As mulheres tinham entre 20 e 49 anos e o índice de violência pelos cônjuges (atuais e ex) é de 65%.

Conforme Garcia *et al* (2016) as notificações ao Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA), feitas em 2008, revelaram que em 75,9% dos casos o agressor era um familiar ou conhecido.

De acordo com Acosta *et al* (2015) registros demonstram que 70% das violências ocorrem em casa. A partir de outra pesquisa, efetuada na Delegacia Especializada de Atendimento às Mulheres (DEAM), em 2009, das 902 ocorrências 676 (75%) foram cometidos por homens, os quais as vítimas mantinham ou mantiveram um relacionamento amoroso.

Conforme mostra novamente a pesquisa “Violência doméstica e familiar contra a mulher”, realizada em 2017, 41% das mulheres entrevistadas disseram ter sofrido violência de seus maridos e 33% revelaram ter sido vítimas de seus ex companheiros. O mesmo estudo salientou que 74% das mulheres negras sofreram violência, enquanto o percentual das mulheres brancas foi de 57% (SENADO FEDERAL, 2017).

Em relação aos tipos de violência dentro da VCM, a física associada a sexual e a psicológica se tornam juntas a forma mais prevalente. Já a sexual é um abuso pouco reconhecido pelas vítimas, sendo o percentual de 6%, junto a moral. Por fim, a psicológica é a violência mais presente e a mais difícil de ser detectada (ACOSTA *et al*, 2015; GUIMARÃES; PEDROZA, 2015; SILVA; OLIVEIRA, 2015).

1.3 Traumas gerados pela Violência Contra a Mulher

Todas as formas de violências dentro da VCM citadas causam impacto e repercussão na saúde mental e física. A vítima sofre psicossomatizações, há grande relação com o desenvolvimento de transtornos mentais e possíveis comorbidades psiquiátricas, além da presença de ideações suicidas, tentativas e de fato, o fenômeno do suicídio (JACOBUCCI, 2004; MOZZAMBANI *et a*l, 2011; CORREIA *et al*, 2018).

Devido aos sofrimentos contínuos, o organismo passa a responder de modo disfuncional e dentro destes aspectos psicossomáticos, há sintomas como dores

crônicas, apatia, fadiga, desesperança, irritabilidade, insônia, inapetência e cefaleia. Estas reações são potencializadas pelo trauma decorrente das agressões e pelo fato do agressor ser uma pessoa conhecida e próxima, possibilitando o desenvolvimento de transtornos mentais, como depressão e ansiedade, os quais, conforme as circunstâncias, podem levar a vítima a cometer suicídio (JACOBUCCI, 2004; GARBIN *et al*, 2006; MOZZAMBANI *et al*, 2011; CORREIA *et al*, 2018).

Em relação aos transtornos mentais associados a VCM, têm-se os alimentares, de sono e de abuso de substâncias (MOZZAMBANI *et al*, 2011). Ainda segundo Mozzambani *et al* (2011), o transtorno de estresse pós-traumático se desenvolve em 76% das vítimas, 88% apresentam altos graus de experiências dissociativas peritraumáticas, a qual tem associação com amnésia traumática. Portanto, a vítima não se lembra da agressão ou da situação estressora com precisão de detalhes. Já em relação a transtorno depressivo, 89% das vítimas a apresenta, enquanto o transtorno de ansiedade se desenvolve em 94%.

Como consequência das violências e dos transtornos desencadeados, a autoimagem e a autoestima ficam fragilizadas, há presença da labilidade emocional, comprometimento da vida diária, isolamento social e pode-se desencadear uma certa impotência frente a vida, o que possibilita o início das ideações suicidas (JACOBUCCI, 2004; GARBIN *et al*, 2006; MOZZAMBANI *et al*, 2011; CORREIA *et al*, 2018).

O comportamento suicida caracteriza-se pela presença de ambivalência, impulsividade e rigidez de pensamento, devido às frustrações da violência sofrida (CORREIA *et al*, 2018). Segundo uma pesquisa realizada no Brasil por Correia et al (2018), com óbitos por suicídio, existe uma alta relação do ato com a VCM.

Desta forma, se torna necessário uma rede de apoio coesa com profissionais preparados e que tenham embasamento sobre o tema para lidar com as mulheres neste tipo de situação, uma vez que um caminho para o enfrentamento dessa problemática seria a desconstrução dos valores e padrões patriarcais e machistas que estão atrelados sócio, histórico e culturalmente (ACOSTA *et al*, 2015; GUIMARÃES; PEDROZA, 2015; SILVA; OLIVEIRA, 2015).

A seguir a Psicologia Feminista é apresentada, uma vez que o estudo busca a aproximação desta com o tratamento dos traumas causados pela VCM.

1.4 Psicologia Feminista

A Psicologia Feminista (PF) apareceu como uma alternativa de tratamento para vítimas de violência doméstica (FARIAS; CASTRO, 2016; SALDANHA; NARDI, 2016). É uma vertente que estuda o gênero na psicologia e critica a psicologia positivista, a qual carrega um viés androcêntrico e sexista que legitimou por muito tempo abusos e a desigualdade entre os sexos (ALVES, 2013; FARIAS; CASTRO, 2016; SALDANHA; NARDI, 2016). Funciona com base no contexto social, nas desigualdades e formas de opressão, justificando tais fatores como possível causa para o adoecimento psicológico. Dessa forma, problematiza papéis e normas, e valoriza as diversidades (SALDANHA; NARDI, 2016).

Esta nova corrente da Psicologia, portanto, tem como objetivo colaborar com a mudança social, a igualdade de gênero e a emancipação feminina, por meio de um olhar diferenciado e intervenções politizadas (SAAVEDRA; NOGUEIRA, 2006; FARIAS; CASTRO, 2016). Busca romper com as restrições da subjetivação, tornar perceptível a possibilidade de liberdade e dar as mulheres um local alternativo de acolhimento, para que assim, possam ressignificar as experiências traumáticas (TIMM; PEREIRA; GONTIJO, 2011; SANTOS; ALVES, 2015; FARIAS; CASTRO, 2016; SALDANHA; NARDI, 2016).

A PF permite que as mulheres, as quais não recebem um olhar, nem mesmo uma atenção especial e que tem essa necessidade, sejam validadas em relação ao sofrimento acarretado pelos abusos, tornem-se autônomas e ganhem consciência cívica (FARIAS; CASTRO, 2016; SALDANHA; NARDI, 2016). Carrega uma perspectiva interseccional, ou seja, enxerga não somente uma forma de opressão, como considera o impacto das demais, sendo estas possíveis relacionadas a raça, orientação sexual e classe (FARIAS; CASTRO, 2016; SALDANHA; NARDI, 2016). Como Riger (2016, p. 479) afirma em outras palavras, *"At its most basic, feminist psychology means pressing for more research on women and minorities and increasing their representation in science."* E por mais que o foco sejam as mulheres vítimas de violência doméstica, visa o bem estar dos homens também, os quais são afetados pelo machismo, proporcionando a partir da informação a desconstrução desse comportamento equivocado, trazendo a ideia de justiça social (SAAVEDRA; NOGUEIRA, 2006; SALDANHA; NARDI, 2016).

A PF surgiu entre os anos 1960 e 1970, durante a segunda onda do feminismo, nos Estados Unidos (NARVAZ; KOLLER, 2007; FARIAS; CASTRO, 2016; SALDANHA; NARDI, 2016). No último ano citado, psicólogas se juntaram para denunciar a visão do masculino como universal na ciência e exigir reparação financeira na reunião anual da Associação Americana de Psicologia (APA), pelos danos que as teorias psicológicas haviam causado às mulheres, por produzirem um conhecimento que legitimava uma cultural patriarcal e dominante, enquanto negligenciava e subordinava as experiências femininas (SAAVEDRA; NOGUEIRA, 2006; ALVES, 2013; FARIAS; CASTRO, 2016; SALDANHA; NARDI, 2016). Mesmo não conseguindo a retratação financeira, a APA possibilitou a criação da Divisão 35, que seria a Sociedade pela Psicologia das Mulheres, no ano de 1973, e a PF foi fundada e reconhecida em 1974 (SAAVEDRA; NOGUEIRA, 2006; SALDANHA; NARDI, 2016).

Voltando ao ano de 1970, outro acontecimento que ajudou no firmamento da PF foram os Grupos de Conscientização, criados por psicólogas e estudantes de Psicologia que não aceitavam as práticas psicológicas misóginas e percorreram todos os estados dos Estados Unidos levando reflexões sobre o contexto político e as relações pessoais das mulheres presentes. Mesmo não tendo um objetivo terapêutico, proporcionou autonomia e a emancipação feminina, além de gerar um espaço acolhedor e desconstruído sobre a temática gênero (SAAVEDRA; NOGUEIRA, 2006; ALVES, 2013; FARIAS; CASTRO, 2016; SALDANHA; NARDI, 2016).

1.5 Desafios enfrentados pela Psicologia Feminista

A PF sofre problematizações por não se pretender apolítica e possuir uma perspectiva crítica durante a aplicação, como evita a Psicologia Positivista Tradicional (SALDANHA; NARDI, 2016). Sobre isso, as psicólogas feministas trazem que, de fato, a vertente carrega valores relacionados a justiça e equidade, mas que se deve considerar que nenhuma ciência é livre de tais fatores e o que muda entre uma vertente e outra é a visibilidade ou a omissão destes (ALVES, 2013). Também, por se sustentar no movimento feminista, torna-se difícil a incorporação nas formações acadêmicas e a sua produção em periódicos especializados (SAAVEDRA; NOGUEIRA, 2006; FARIAS; CASTRO, 2016; SALDANHA; NARDI, 2016).

Outro aspecto importante se trata de como debates sobre gênero, sendo fonte basilar da PF, nas graduações são bastante escassos, o que também dificulta o desenvolvimento do campo e da prática (FARIAS; CASTRO, 2016; SALDANHA; NARDI, 2016). Portanto, a PF é marginalizada no Brasil e quem toma contato com as problemáticas sociais é a Psicologia Social Crítica (SALDANHA; NARDI, 2016).

Entretanto, segundo Saldanha e Nardi (2016), há psicólogas brasileiras utilizando a vertente em suas clínicas, produzindo artigos e dando cursos. Saldanha e Nardi (2016) continuam, afirmando que a PF é ativa em países do hemisfério norte, tendo se originado nos Estados Unidos e também sendo aplicada no Canadá, assim como na Europa, especificamente em Portugal, Espanha e Inglaterra.

2 OBJETIVO E HIPÓTESE

A seguir, os objetivos e a hipótese do presente estudo são apresentados.

2.1 Objetivo geral

Analisar a produção científica sobre a efetividade da aplicação da Psicologia Feminista como tratamento para os traumas gerados pela Violência Contra a Mulher.

2.2 Objetivos específicos

- Mostrar dados sobre a VCM.
- Apresentar a Psicologia Feminista como tratamento efetivo para os traumas provocados pela VCM.

2.3 Hipótese

Devido a aparente escassez de estudos sobre o uso da Psicologia Feminista em situações de Violência Contra a Mulher, a efetividade da mesma se torna questionável.

3 METODOLOGIA

O percurso metodológico seguido para a realização deste estudo é apresentado a seguir.

3.1 Tipo de estudo

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica, mais precisamente, uma revisão integrativa, com o objetivo de analisar a produção científica sobre a efetividade da aplicação da Psicologia Feminista como tratamento para os traumas gerados pela Violência Contra a Mulher. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa é um tipo de revisão da literatura, ou seja, é uma análise de pesquisas, ditas importantes, que ajudarão na tomada de decisão e na melhoria da prática clínica, podendo utilizar-se de metodologias variadas, tanto qualitativas como quantitativas, focando em um determinado assunto, o qual será avaliado e frente à presença de lacunas de conhecimentos, receberá apontamentos.

3.2 Fontes e coleta de dados

Realizou-se a varredura das publicações em maio de 2019. A partir da primeira busca nas bases de dados utilizadas, foi possível identificar 211 publicações. Posteriormente, foram estabelecidos critérios de refinamento dos resultados, os quais são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Filtros utilizados para refinar busca.

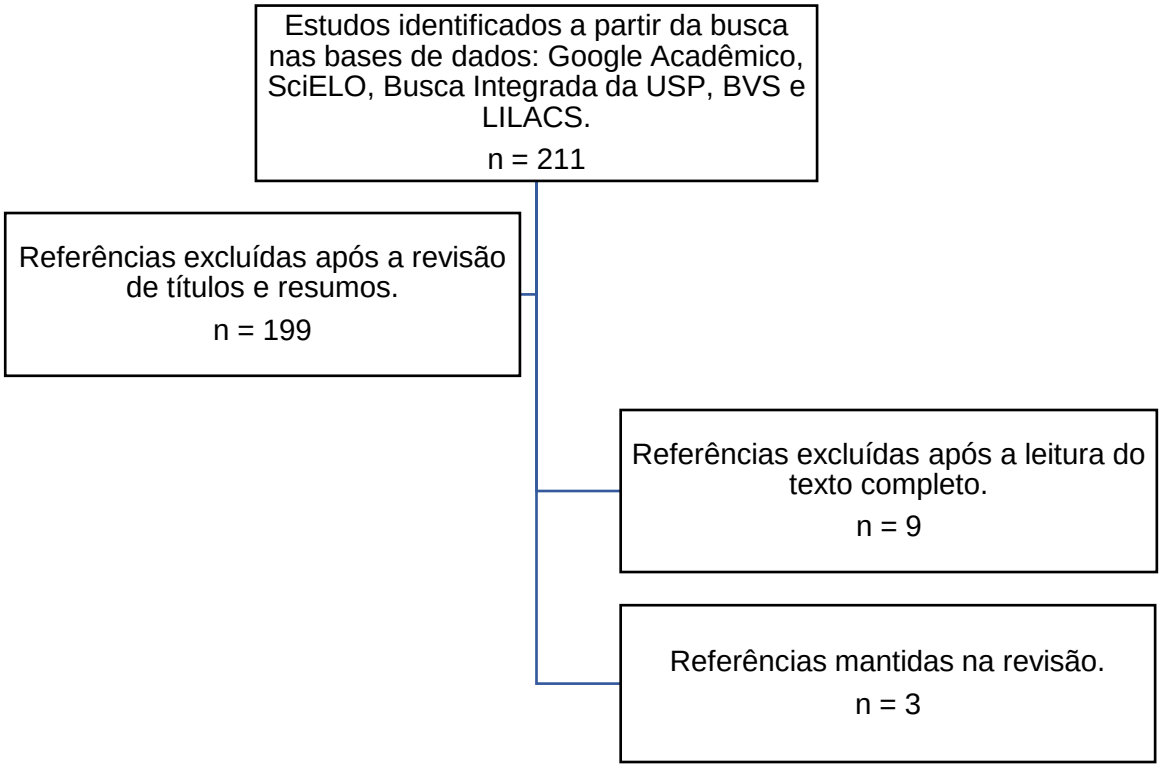
Tipo	Filtros selecionados
Descritor	Psicologia Feminista
	Violência
	Violência Contra a Mulher
Base de dados	Google Acadêmico
	SciELO
	Busca Integrada da USP
	BVS

	LILACS
Ano de publicação	2003-2018
Texto completo	Disponível
País como assunto	Brasil
Tipo de documento	Artigo
	Tese

Fonte: A autora (2019).

De acordo com a Tabela 1, as bases de dados selecionadas foram: Google Acadêmico, SciELO, Busca Integrada da USP, BVS e LILACS. A faixa temporal das publicações analisadas foram os últimos quinze anos, de 2003-2018. Os tipos de documento analisados durantes as buscas foram artigos e teses com o texto completo disponível, cujo os descritores abordavam sobre “Psicologia Feminista”, “Violência” E “Violência Contra a Mulher”, os três com aspas para maior filtragem. O país escolhido como assunto foi o Brasil.

Figura 1. Fluxograma de identificação das etapas de seleção dos artigos para a revisão.



Fonte: A autora (2019).

Conforme apresentado na Figura 1, após o levantamento inicial nas bases de dados (Google Acadêmico: 198; SciELO: 1; Busca Integrada da USP: 8; BVS: 2 artigos e 1 tese; e LILACS: 1) houve a identificação de um total de 211 estudos. Destas pesquisas, devido ao refinamento, quando ocorreu a leitura dos títulos e dos resumos, foram selecionados 12 estudos. Por fim, com a leitura dos textos completos, 9 pesquisas foram rejeitadas e apenas 3 foram mantidas e sintetizadas neste trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados dos estudos utilizados para a revisão integrativa foram resumidos e divididos da seguinte forma: autores e ano da publicação, título, metodologia de pesquisa, objetivo e principais resultados, como demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2. Síntese dos estudos mantidos na revisão integrativa.

AUTORES ANO	TÍTULO	METODOLOGIA DE PESQUISA	OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS
TIMM, Flávia Bascuñán; (2008).	Violência Conjugal: uma perspectiva da psicologia feminista no enfrentamento às situações de violência contra mulheres.	Qualitativa, com estudo de campo.	Analisar o conjunto de fatores que corroboram com para a permanência de mulheres no vínculo conjugal violento, em especial, pela influência de uma cultura patriarcal capaz de manter uma economia desigual de status entre os gêneros.	Os resultados apontam para uma violência moral, que legitima a violência, impedindo muitas mulheres em situação de violência de percebê-la como tal, naturalizando a opressão e perdendo sua potência diante das situações de agressão e intimidação. A articulação entre feminismo, violência contra mulheres e psicologia se dá na medida em que as restrições culturais da masculinidade e da feminilidade normativas produzem as subjetividades e, consequentemente, o adoecimento psíquico. A proposta da psicologia feminista contribui para o rompimento dessas restrições de subjetivação, criando a ideia de liberdade e de espaços alternativos de

				ressignificação das experiências.
NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição; (2003).	A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos.	Qualitativa, com revisão da literatura.	Refletir criticamente sobre os pressupostos gerais das metodologias feministas aplicados ao exercício da Psicologia especificamente em contextos terapêuticos.	Ao advogar o princípio da emancipação feminina, totalmente adverso ao regime patriarcal, os/as psicólogos/as feministas assumem a sua opção pela não neutralidade da ciência psicológica e das suas práticas e politizam os espaços terapêuticos onde se movimentam. Esta tomada de posição é particularmente significativa nas situações de violência, uma vez que possibilita que as vítimas sejam validadas em suas experiências pessoais.
SALDANHA, Marília; (2013).	Pontos de intersecção: psicologia, feminismo e violências.	Qualitativa, com revisão não sistemática da literatura.	Seguir em um processo reflexivo sobre o papel da psicologia feminista na relação com as mulheres em situação de violência.	Ao contemplar as especificidades individuais de cada mulher e a diversidade das identidades pesso-ais e sociais destas, construída e contextualizada nos espaços sociais e ao apostar em possibilidades múltiplas, com sua pluralidade metodológica na investigação, a psicologia feminista promove a diluição de uma perspectiva autocrática e de imposição de um conhecimento universal. Ao encarar a

				psicopatologia como resultado de opressão e ao tomar posse do potencial emancipatório dos diversos modelos de intervenção psicológicos, a psicologia feminista se move na direção de concretizar assunções feministas.

Fonte: A autora (2019).

Devido a produção e a publicação de material sobre o tema selecionado ter se provado realmente escassa, por se tratar de um campo e uma prática politizada ainda não valorizada pelos profissionais psicólogos, foram revisados apenas três trabalhos (uma tese e dois artigos), todos em português, pelo fato de não ter sido possível encontrar periódicos na língua inglesa de forma acessível e que abordassem com profundidade o tema. Contudo, os três trabalhos escolhidos possuem um tempo espaçado de 4 anos de publicação entre um e outro, sendo os anos: 2003, 2008 e 2013.

As autoras dos três estudos são mulheres, o que pode apontar para um grande interesse destas pelo tema. Será que as teorias feministas ainda sofrem más interpretações e resistência por parte dos homens? Um maior interesse e participação de autores do gênero masculino poderia fortalecer a consolidação dessa abordagem, o que claramente traria maior desenvolvimento e aceitação da Psicologia Feminista no meio psicológico. Essa corrente precisa se fortalecer, pois propõe mudanças sociais e, também, trabalha em prol do rompimento da cultura patriarcal que tantos malefícios traz às mulheres, assim como aos próprios homens.

Os três estudos são qualitativos (um sendo um estudo de campo e os outros dois sendo revisão da literatura) e abordam sobre a VCM, o impacto nas vítimas e a psicologia com o viés feminista. Os objetivos são diferenciados, entretanto todos os trabalhos citam a aplicação da Psicologia Feminista como uma possibilidade para as vítimas da violência e se aprofundam na temática.

O primeiro trabalho (TIMM, 2008) encontrado é um estudo de campo qualitativo, o qual traz a análise de uma prática desempenhada com mulheres que sofreram violência doméstica, apelidadas de Margaridas. A prática citada é voltada a Psicologia Feminista e teve como objetivo analisar o conjunto de fatores que colaboram para a permanência de mulheres no vínculo conjugal violento, pensando na influência de uma cultura patriarcal capaz de manter uma economia desigual de status entre os gêneros. E mesmo que cite apenas a Psicologia Feminista no final com maior propriedade, a tese traz o resultado de sua aplicação no projeto das Margaridas como efetiva, explicitando como consequência a ressignificação das experiências violentas e traumáticas; a tomada de consciência sobre o assujeitamento da vítima, sem a presença de culpa individual e a autonomia.

A culpa está muito presente nas mulheres no contexto da VCM e isso causa a submissão desta, permitindo que o ciclo de violência continue (NARVAZ; KOLLER, 2007). Logo, com a perda da culpa individual, a mulher pode ganhar recursos para enxergar a situação em que se encontra e se ver livre do controle do abusador. O que nos leva a importância da consciência do sofrimento imposto, pois a mulher no contexto violento tende a não se perceber em um papel de subordinada e dessa forma, o agressor tem os recursos para continuar as agressões por meio das distorções que este faz em relação a vítima, que acredita e no final, sente-se culpada pela agressão que sofreu (CARVALHO-BARRETO, 2009). A mesma com a noção de sua submissão se vê capaz de tentar mudar a situação. Com isso, se tem a importância da ressignificação das experiências traumáticas, pois à medida que a paciente, no espaço terapêutico, verbaliza sobre, a mesma pode mudar o olhar que tinha daquela vivência, assim como tem o sofrimento amenizado (RIBEIRO; SANI, 2009; LABRONICI, 2012). Dessa forma, a autonomia é desenvolvida, permitindo que as mulheres em situação de violência se tornem donas de seus corpos e a partir de uma postura ativa, em que possuem independência financeira, amizades e plena consciência da sua liberdade de escolha e, de ir e vir, ganhem a capacidade de enfrentar os companheiros e buscar qualidade de vida (CORTEZ, 2006, CORTEZ; SOUZA, 2008).

O segundo artigo (NEVES; NOGUEIRA, 2003) também tem abordagem qualitativa, com revisão da literatura. O estudo situa o Feminismo na Psicologia, explicando o histórico das terapias feministas e teve como objetivo refletir criticamente

sobre os pressupostos gerais das metodologias feministas aplicados ao exercício da Psicologia especificamente em contextos terapêuticos. Cita como possíveis resultados da aplicação da Psicologia Feminista com vítimas de VCM, a autonomia, resiliência e o empoderamento.

O empoderamento é um resultado positivo pelo fato de se tratar de um processo em que a mulher percebe sua realidade de opressão e luta contra a partir da percepção adquirida e assim ocorre a busca pelo reconhecimento de seus direitos, assim como ganha a noção de que merece respeito e que é dona do seu corpo, de sua sexualidade e principalmente do direito de ir e vir. A consciência da violência sofrida com o empoderamento permite que a experiência traumática não se repita, pois faz com que a vítima evidencie e denuncie os abusos (CORTEZ; SOUZA, 2008). Já sobre o processo da resiliência, o qual está atrelado a ressignificação da experiência do abuso, faz a pessoa traumatizada avançar, transcender e encontrar um novo sentido para aquilo que a abalou (RIBEIRO; SANI, 2009; LABRONICI, 2012). Neste mesmo seguimento, a autonomia, já citada, proporciona a mulher força e um comportamento ativo, o qual a partir de um trabalho remunerado e uma nova rede de apoio que vai sendo constituída aos poucos pelo empoderamento, se torna consciente de seus direitos e do que é melhor para ela, enfrentando o contexto violento em que se encontra e procurando melhora na saúde, que é afetada de diversas formas (CORTEZ, 2006, CORTEZ; SOUZA, 2008).

Por fim, o último artigo (SALDANHA, 2013) tem uma abordagem qualitativa, com revisão não sistemática da literatura e traz uma explicação abrangente sobre a psicologia feminista e sua aplicação em situações de Violência Contra a Mulher. Teve como objetivo refletir sobre o papel da Psicologia Feminista na relação com as mulheres em situação de violência. É o único estudo que teve como foco a temática do presente trabalho com maior propriedade. Assim, trouxe a Psicologia Feminista como tratamento para as vítimas de VCM de maneira efetiva, tendo como resultados o desenvolvimento da autonomia, o empoderamento e resiliência.

Evidencia-se que este último artigo obteve os mesmos dados do segundo artigo revisado. Assim, a autonomia se mostra como um fator positivo, visto que como já foi explicado, coloca a vítima em um lugar de enfrentamento da situação violenta por meio da busca da qualidade de vida (CORTEZ, 2006, CORTEZ; SOUZA, 2008). E

acrescenta-se que o empoderamento colabora com a superação da desigualdade de gênero, que é o causador da VCM (CORTEZ, 2006). E também, Muhlen, Saldanha e Strey (2014), traz o empoderamento como forma de prevenção a violência. Já a resiliência pode ser percebida pela verbalização e elaboração das vivências traumáticas, pois há a busca aparente de um cuidado, melhora e a tentativa de ressignificar o que foi vivido de forma agregadora e menos sofrida (RIBEIRO; SANI, 2009; LABRONICI, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi o de analisar na produção científica a efetividade da aplicação da Psicologia Feminista como tratamento para os traumas gerados pela Violência Contra a Mulher. A hipótese é de que não haveria estudos suficientes para comprovar tal efetividade. A mesma foi comprovada, pois apenas três estudos foram encontrados. Porém, de acordo com as três pesquisas revisadas a prática em questão se mostrou efetiva, validando as experiências das vítimas de forma contextualizada e politizada. O recurso fornece resultados emancipadores positivos, mas ainda se trata de uma produção bastante escassa na língua portuguesa. Por ser marginalizada no Brasil e carregar uma descrença por possuir um viés político, há a necessidade inicial da inserção da questão de gênero nas graduações, visto que é um tema que precisa ser debatido e aprofundado. Serve, também como base para essa nova vertente e mesmo sabendo que a Violência Contra a Mulher já é estudada pela Psicologia Social Crítica no Brasil, os dados demonstram que a VCM continua aumentando. Nesse caso, seria interessante ter uma psicologia mais abrangente, focal e que aderisse as intersecções. Por fim, sugere-se que mais estudos que abordem a aplicação e a efetividade da Psicologia Feminista sejam realizados, principalmente no Brasil, onde a prática ainda é incipiente.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Daniele Ferreira *et al*. Violência contra a mulher por parceiro íntimo: (in) visibilidade do problema. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 24, n. 1, p. 121-127, 2015. Disponível em: < https://www.redalyc.org/pdf/714/71438421015.pdf> Acesso em: 19 mai. 2019.

ALVES, Claudia de Oliveira. **Psicologia e perspectiva feminista**: produção de conhecimento, prática e programas de prevenção em saúde mental. 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/14957> Acesso em: 11 ago. 2019.

CARVALHO-BARRETO, André de *et al*. Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 1, p. 86-92, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/188/18815253011.pdf> Acesso em: 17 out. 2019.

CORREIA, Cíntia Mesquita *et al*. Sinais de risco para o suicídio em mulheres com história de violência doméstica. **SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 14, n. 4, p. 219-225, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-69762018000400005&script=sci_abstract&tlng=es> Acesso em: 17 jul. 2019.

CORTEZ, Mirian Béccheri. **Maridos dominadores, esposas (in) subordinadas**: as implicações do empoderamento feminino e da masculinidade hegemônica na violência conjugal. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Espírito Santo. 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/jspui/handle/10/2981> Acesso em: 17 out. 2019.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24 n. 2, p. 171-180, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/05> Acesso em: 17 out. 2019.

FARIAS, Kamila Gadelha; CASTRO, Heloísa Maria da Silva. Psicologia Feminista: uma abordagem comprometida com a mudança social. **XII Colóquio Nacional, Representações de Gênero e Sexualidade**, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA5_ID780_25052016231213.pdf> Acesso em: 19 mai. 2019.

GARBIN, Cléa Adas Saliba *et al*. Violência doméstica: análise das lesões em mulheres. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, p. 2567-2573, 2006. Disponível em: <https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0102-311X2006001200007&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em: 23 ago. 2019.

GARCIA, Leila Posenato *et al*. Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 32, p. e00011415, 2016. Disponível em: <https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0102-311X2016000400704&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em 19 mai. 2019.

GUIMARÃES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 20, 2015. Disponível em: <https://submission3.scielo.br/index.php/psoc/article/view/132163> Acesso em: 17 jul. 2019.

JACOBUCCI, Patricia Gugliotta. **Estudo psicossocial de mulheres vítimas de violência doméstica, que mantêm o vínculo conjugal após terem sofrido as agressões**. 2004. 204p. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Medicas, Campinas, SP. 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/310650> Acesso em: 23 ago. 2019.

LABRONICI, Liliana Maria. Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 21, n. 3, p. 625-632, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/714/71424779018.pdf> Acesso em: 17 out. 2019.

MOZZAMBANI, Adriana Cristine Fonseca *et al*. Gravidade psicopatológica em mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande Sul**, v. 33, n. 1, p. 43-47, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/2011nahead/1323.pdf> Acesso em: 23 de ago. 2019.

MUHLEN, Bruna Krimberg Von; SALDANHA, Marília; STREY, Marlene Neves. Mulheres e o hiv/aids: intersecções entre gênero, feminismo, psicologia e saúde pública. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 2, p. 3, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5016328> Acesso em: 17 out. 2019.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Feminismo e terapia: a terapia feminista da família-por uma psicologia comprometida. **Psicologia Clínica**, v. 19, n. 2, p. 117-131, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n2/a09v19n2> Acesso em: 11 ago. 2019.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. A Psicologia Feminista e a Violência contra as Mulheres na Intimidade: A (Re) Construção dos Espaços Terapêuticos. **Psicologia e Sociedade**, v. 15, p. 43-64, 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/%0D/psoc/v15n2/a04v15n2.pdf> Acesso em: 19 mai. 2019.

RIBEIRO, Maria da Conceição Osório; SANI, Ana Isabel. Risco, proteção e resiliência em situações de violência. **Revista da Faculdade de Ciências da Saúde,** v. 6, p. 400-407, 2009. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1294> Acesso em: 17 out. 2019.

RIGER, Stephanie. On becoming a feminist psychologist. **Psychology of Women Quarterly**, v. 40, n. 4, p. 479-487, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0361684316676539> Acesso em: 28 ago. 2019.

SAAVEDRA, Luísa; NOGUEIRA, Conceição. Memórias sobre o feminismo na psicologia. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 11, p. 113-127, 2006. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6727> Acesso em: 19 mai. 2019.

SALDANHA, Marilia. Pontos de intersecção: psicologia, feminismo e violências. **Diálogo**, n. 24, p. 35-44, 2013. Disponível em: < https://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/1324> Acesso em: 19 mai. 2019.

SALDANHA, Marília; NARDI, Henrique Caetano. Uma psicologia feminista brasileira? Sobre destaque, apagamento e posição periférica. **Revista de Psicologia Política**, São Paulo, v. 16, n. 35, p. 35-52, 2016 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 mai. 2019.

SANTOS, Marcely Marques Honório; ALVES, Renata Farche. A cultura do estupro: banalização e visibilidade de mudanças através dos tempos. **Ciência ET Praxis**, v. 8, n. 16, p. 51-56, 2017. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/view/2223> Acesso em: 11 de ago. 2019.

SENADO FEDERAL. **Violência doméstica e familiar contra a mulher:** Pesquisa DataSenado. Brasilia, 2017.

SILVA, Lídia Ester Lopes da; OLIVEIRA, Maria Liz Cunha de. Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3523-3532, 2015. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2015.v20n11/3523-3532/pt/> Acesso em: 19 mai. 2019.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102> Acesso em: 12 mai. 2019.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2017

TIMM, Flávia Bascuñán. **Violência Conjugal**: uma perspectiva da psicologia feminista no enfrentamento às situações de violência contra mulheres. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1940> Acesso em: 19 mai. 2019.

TIMM, Flávia Bascuñán; PEREIRA, Ondina Pena; GONTIJO, Daniela Cabral. Psicologia, violência contra mulheres e feminismo: em defesa de uma clínica política. **Revista Psicologia Política**, v. 11, n. 22, p. 247-259, 2011. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA5_ID780_25052016231213.pdf> Acesso em: 19 mai. 2019.